

HISTÓRIA ILUSTRADA

RELATOS DA CULTURA E HISTÓRIA
MBYA GUARANI SOB A ÓTICA INDÍGENA



INSTITUTO FEDERAL
Santa Catarina
Câmpus Araranguá



Desde
1997



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Secretaria de Cultura e Arte
SECARTE

HISTÓRIA ILUSTRADA:

Relatos da cultura e história Mbya Guarani sob a ótica indígena.

Angela Paula Drawanz Gotzke
Jaqueline Josiwana Steffens da Rocha
Juarez Bento da Silva,
Kuaray (Francisco Moreira Alves)
Simone Meister Sommer Bilessimo

1ª Edição

Araranguá/SC
2019



Esta publicação é fruto do projeto de extensão História Ilustrada: Relatos da História e Cultura Mbya sob a Ótica Indígena, desenvolvido pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e o Laboratório de Experimentação Remota (RExLab), da Universidade Federal de Santa Catarina do Campus Araranguá. Os projetos foram financiados pelos editais 2018-PROEX 04/IFSC e Bolsa Cultura UFSC – Editais: 007/2017/UFSC e 001/2019/UFSC



Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Coordenação do projeto: Jaqueline Josiwana Steffens da Rocha (UFSC) e Juarez Bento da Silva (UFSC).

Realização: Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e Laboratório de Experimentação Remota (RExLab/UFSC).

Projeto gráfico: Jaqueline Josiwana Steffens da Rocha e Isabela Nardi da Silva

Texto e desenhos: alunos de 4ª à 7ª série da Escola Estadual de Educação Indígena Nhu Porã, Torres/RS, coordenados pelo professor indígena Francisco Moreira Alves (*Kuaray*).

Tradução: Francisco Moreira Alves (*Kuaray*)

Colaboradores: Jadson de Stefani e André Vinicio Bialeski Vieira.

Publicação: Hard Tech Informática Ltda. CNPJ: 00522022/0001-11. Av. 7 de setembro, 653, Loja 2. Bairro Cidade Alta, Araranguá/SC. hardtechcia24@gmail.com

Ficha Catalográfica

5881 Rocha, Jaqueline Steffens da
História Ilustrada: Relatos da cultura e história Guarani sob a ótica indígena.
Volume 1 / Jaqueline Josiwana Steffens da Rocha, Francisco Moreira Alves, Angela Paula Drawanz Götzke. Araranguá/SC: Editora: Hard Tech Informática Ltda.,
2019. 23p.

ISSBN: 978-85-5881-009-8

Prefácio

Xerery ma Mbya py Kuaray jurua py ma Francisco Moreira Alves aiko apy tekoa Nhu Porã py ha'egui Nhombo'e va'e. Amombe'u tá kova'e tembiapó mba'eixa pa onhepyrũ. Apy tekoa py heta rokuai, heta kyingue onhembo'e va'e kuery guive jurua nhembo'e py.

Ha'evy ma rojapo kova'e kuaxia pará, orerekó reguá, onhembo'e va'e kuery hae ojavó ha'angá, Ha'e huery hae ombopará mokõi ve hayu py: Mbya py ha'egui Jurua py. Kova'e ma ore kuery hae rojapo orevy pe ha'egui pãve oikuaa haguã orerekoa. Kova'e rombopará oreayu py hae, heta ma onhembopará mbya reko reguá vy jepema amongue hendapy ha'eve yarupi jurua kuery ombopará ha'e ramo ore kuery hae rojapo, ore kuery roikuaa rupi hae.

Kova'e ma ha'eve jurua kuery guive oikuaa haguã ore kuery hae romombe'u orerekó, orekuai ha'egui ore ra'y kuery rombo'e. Heta kuema jurua kery ijayu orekuua ramo vixo ka'aguy rupi guá rami orerenõi, ka'aguy re orepire reia rami tevoi rekuua, yma haema va'e ri hekoviá pa. Agyngui py roiporu haema jurua kuery rembiporu tetã gui, ha'e rami tei ma mbya tevoi hae roiko.

Rojepy'apya roguerekó vy ma rombo'e kyingue pe orereko gui hexarai he'y haguã ha'e vy ma kova'e kuaxia pará opyta tá iparaa pãve oikuaa haguã, jurua kuery guive. Kova'e ma õipytyvõ rã ore ayu romokanhy he'y haguã ha'egui ore arandu iparaá opytá rã hare peve.

Kuaray (Francisco Moreira Alves)

Prefácio

Meu nome em Guarani Mbya é Kuaray e em português é Francisco Moreira Alves, moro aqui na aldeia Nhu Porã e sou professor. Vou contar como começou este trabalho. Aqui na aldeia tem muitas pessoas e crianças que estudam e aprendem o português. Por isso fizemos esse livro contando sobre nosso modo de vida, os alunos que fizeram o desenho e escreveram a história nas duas línguas: mbya guarani e português. Este livro foi produzido por nós mesmos, para nossa comunidade e para outras pessoas poder conhecer nosso modo de vida. Escrevemos na nossa própria língua, já foram produzidos vários outros livros sobre a cultura Mbya e escrito por não indígenas e muitas vezes não falam a realidade das aldeias, por isso nós mesmos escrevemos nossa história, com nosso conhecimento.

Isso é importante para que o homem branco conheça a nossa versão da história, como vivemos e o que ensinamos para nossos filhos. Muitas vezes o homem branco acha que o índio é bicho do mato, que vive pelado na floresta, mas faz tempo que as coisas mudaram. Hoje já estamos usando as coisas da cidade, vamos no mercado, no médico, usamos celular e nem por isso deixamos de ser índios.

Nos preocupamos em ensinar para as crianças as tradições da nossa gente e esse livro vai deixar registrado para que todo mundo conheça, inclusive o homem branco. Isso pode contribuir para a preservação da nossa língua e do nosso conhecimento e ficará registrado para sempre.

Francisco Moreira Alves (Kuaray)

Apresentação

Dado às circunstâncias históricas de exploração, discriminação e marginalização que os índios sofreram, o poder público pouco fez para garantir alternativas e/ou projetos que valorizassem o modo de vida e a cultura desses povos. É necessário preservar as sociedades indígenas e seus saberes, pois elas constituem um patrimônio humano inestimável da cultura universal.

As comunidades indígenas reconhecem a importância de valorizar a cultura dos índios Guarani, os conhecimentos tradicionais de seu povo, adquirindo conhecimentos contemporâneos sem esquecer o conjunto de tradições e a sabedoria milenar para proporcionar um futuro melhor para a sua comunidade e, diferente do que muitos pensam e daquilo que os livros didáticos sempre ensinaram, não formam um só povo. Por isso é importante conhecer um pouco sobre quem são esses índios e quais são suas culturas.

Por outro lado, o registro da história do índio brasileiro surge a partir do momento em que a vida nas aldeias costuma ser relatadas por pesquisadores não-indígenas, pessoas que jamais viveram o cotidiano das comunidades. Esta atividade leva a uma deturpação da história indígena em livros didáticos, causando uma grande generalização do que na realidade é uma cultura muito rica e complexa. Desta forma, são necessárias alternativas que valorizem a cultura ameríndia e produzam conhecimento a partir da ótica indígena e não pelo homem branco (como historicamente é feito).

Baseado nisso, este projeto teve como objetivo desenvolver um livro composto por uma coletânea de histórias elaboradas por estudantes da Escola Indígena *Nhu Porã*, relatando o cotidiano da aldeia, de forma a preservar e perpetuar para a comunidade indígena, mas também disponibilizar para o homem branco o acesso a história dos índios da aldeia contada pelos próprios índios e não pelo homem branco ou “juruá”, como eles dizem.

Este projeto é fruto de uma parceria entre o Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, Câmpus Araranguá e o Laboratório de Experimentação Remota - RExLab da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Câmpus Araranguá e desenvolvido na Escola Estadual de Educação Indígena *Nhu Porã*, situada no município de Torres-RS. O projeto de extensão foi submetido ao Edital PROEX 04/2018 da Pró Reitoria de

Extensão do IFSC e aos Editais ScCArt - Bolsa Cultura UFSC – 007/2017/UFSC e 001/2019/UFSC. Foi concebido a partir do relato do professor indígena Francisco Moreira Alves, que falou da vontade e da necessidade que eles possuem de registrar a história e a cultura da aldeia e passar isso para as novas gerações. Falou do medo que tem de a história da tribo morrer junto com os poucos anciões que ainda vivem e que conhecem a fundo a história da comunidade.

Na primeira etapa a equipe do projeto visitou a comunidade indígena a fim de apresentar o projeto para o cacique, onde discutiu como seria a realização do mesmo. Após, realizou-se uma reunião com os professores da Escola discutir a maneira como a confecção das histórias em quadrinhos poderia ser integrada às disciplinas e de que forma a tecnologia poderia ser inserida nesse contexto. No decorrer do ano de 2018, entre os meses de maio a setembro, foram realizados 11 encontros, onde participaram 25 alunos de 4ª a 7ª série, com turmas multisseriadas.

As atividades foram desenvolvidas por uma equipe multidisciplinar do IFSC e da UFSC além do professor de arte, cultura e língua guarani. O tema das histórias escritas por cada um dos alunos foi escolhido pelos mesmos sob a orientação do professor indígena e pela equipe da UFSC/IFSC. As oficinas e o desenvolvimento das histórias aconteceram de forma concomitante às aulas, no período escolar e foram contadas como atividade letiva da escola.

Durante a execução do trabalho, todas as atividades foram adaptadas à realidade da aldeia, principalmente as suas especificidades culturais e históricas. Os pais participaram ativamente das atividades e quando isso aconteceu, foi possível perceber nas crianças maior comprometimento e entusiasmo. Em diversos momentos foram realizadas reuniões com a equipe de professores, diretora e cacique da escola para verificar se o projeto estava atendendo às expectativas e conforme solicitação pequenos ajustes aconteceram. Após o desenvolvimento dos desenhos, foi realizada a diagramação do livro, feita pelos bolsistas de extensão e coordenadora do projeto. Nessa etapa, todas as histórias elaboradas pelos alunos foram digitalizadas e editadas. Como o texto original foi escrito em guarani, a presença do professor indígena foi importante, pois este fez a tradução para o português.

Como coordenadora do projeto, no IFSC, é possível afirmar que o projeto realizado foi extremamente gratificante, pois a cada dia trabalhado

era possível ver o brilho nos olhos nas crianças e a empolgação a cada nova descoberta. Os momentos de valorização, reconhecimento e aprendizado conjunto ficarão registrados na memória de cada integrante desse projeto.

Registro aqui meu agradecimento a todos os integrantes da Aldeia Indígena *Nhu Porã* pela confiança depositada na equipe durante todo o projeto, bem como ao IFSC e UFSC pelo fomento.

Jaqueline Josiwana Steffens da Rocha
(Coordenadora do projeto no IFSC)

TEKOA GUAPO'Y PORÃ ONHEPYRŪ AGUE

Huvixa ijayu jurua ruvixa Torres pyguá reve gua'y guajy kuery reve oke ranhe haguã tape rembe re.

O cacique falou com o chefe da polícia federal de Torres-RS para as famílias ficarem acampadas na beira da estrada.



Ropyta tape rembe re oreremiapó rovende rojou haguã orere mikõtêvẽ. Tembiapó rojapó va'e ma orereko pyguá ha'egui ha'eve remá orevy kuery pe.

Ficamos na beira da estrada vendendo artesanato para viver. O artesanato faz parte da nossa cultura e é muito importante para nossa tribo.

Rojapó ajaka, poapy reguá, namixãĩ, vixo'i ra'anga ha'egui mbo'y. Oreremiapó ma iporã remá.

Fazemos balaio, cestos, pulseira, brincos, bichinho de madeira e colar. Nossa arte é muito bonita.





Ore ma roporai ha'egui rojerojy vy roipuru mba'e pu opy'i re. Ore rekoa py ma heta mbya kuery ikuai ovy'a va'e ha'egui roikuaa tujakue ve'i reve. Orekuai ma tekoa, rōma'ětý ha'egui rovy'a ka'aguy py orekuai vy.

No nosso canto e dança usamos violão na casa de reza. Na nossa aldeia tem muitas pessoas guarani felizes e sempre aprendemos com as pessoas mais velhas. Vivemos em comunidade, cultivando a terra e vivendo em harmonia com a natureza.





Opy ma orerekó romombaraeté haguã. Apy ma ore kuery roguero vy'a opamba'e porã oiko ramõ ha'e gui rojerure Nhanderu kuery pe mba'e vé oiko he'y haguã, rojerure texãï ha'e gui temityngue romboaty porã haguã. Kova'e ma imarã va'e'ỹ, ojejapó yvy gui ha'e gui pindo rogue gui orevy Mbya kuery roike haguã rive. Orereko py ma kunhangue'i pe ombo'e omba'exo kuaa haguã, ojapo. Kuaa haguã tembi'u avaxi guigua: mbyta, avaxi kui, ha'egui kaguijy.

A casa de reza é para fortalecer a nossa cultura. Aqui nós agradecemos pelas coisas boas que acontecem e pedimos proteção para nosso Deus, pedimos saúde e boa colheita. Esse é um local sagrado, construído com barro e palha e só os índios podem entrar.

Na nossa cultura é ensinado as meninas a fazer milho tostado no pilão. Para saber fazer todo tipo de comida de milho: pamonha, farofa de milho e mingau





Apy tekoa py ma rombo'e kyingue pe orekó rupi. Ha'e kuery jogueraa onhembo'eaty py tekoa py, oikuaa haguã oipapá kuaa haguã, Juruá hayu py, ka'aguy rupá reguá, ha'e rami têi ma onhembo'e havi orekó py, ha'e va'e ma ha'e vea rupi. Tekõtêvê norômokanhyi orekó ha'e ramingua ha'e javi re onhembo'eaty onhembo'e.

Aqui na aldeia procuramos ensinar para as crianças a nossa tradição. Elas vão para a escola indígena para aprender matemática, português, ciências, mas também aprendem sobre o modo de ser guarani, isso é muito importante. Precisamos preservar nossos costumes e isso também aprende na escola.





Apy ma kyingue oikuaa orerekó reguá oexa vy tujakue ve'i. Yma guive orerekó omboaxá ipyau kuery pe ha'evy rogueraa nha'ã há'evea rupi romokanhy he'y haguã ãgã ve rupi. Ava kue'i oikuaa hembíá kuaa haguã vixo ka'aguy re, pirá jopoi haguã, oma'ety haguã ha'e gui kunhangue'i ma onhangarekó haguã ngoore, tembi'u re, hembiapó ajakare. Apy ma tekoa py pãvē nhopytyvõ ha'e gui pãvē havi ikuai porã ve'i haguã rupi ikuai, nhomopëe reia rupi he'y ha'evy pãvē nhembojeroviá rupi ikuai haguã.

Aqui as crianças aprendem sobre nossa cultura vendo as pessoas mais velhas da tribo. Há muito tempo nossa tradição é passada para as novas gerações e lutamos para que isso não se perca com o tempo. Os meninos aprendem a caçar, pescar, plantar e as meninas a cuidar da casa, da comida, fazer artesanato. Aqui na aldeia todo mundo se ajuda e todos lutam para ter uma vida melhor, sem preconceito e todos querem ser valorizados e respeitados.





Ára pyau py ma ore Mbya kuery ronhoty. Ára pyau jave ma ore Mbya kuery ronhoty avaxi, mandui, mandi'o, xanjau, jety, komanda, merõ, romongaru haguã ore ra'y kuery. Yvy jareko vy ma jareko kuaa rã nhambovaipa he'y haguã. Ha'e gui jareko haguã nhanerembi'u hete'i. Ára pyau py ma vixo ta'y, yvyra ipoty, ha'e javi iporã. Apy tekoa py ma ore kuery rovy'a. Yma vê ma mba'e vê ndoatai ka'aguy gui. Agy ma mba'e vê ma nda'ipovei ma ka'aguy re. Ndrogue rekovei yakã jopoi haguã pirá, yvy na'ĩ porã vei teĩ roguereko kuaa nha'ã.

Quando o ciclo da natureza se renova nós guarani mbya plantamos. No ano novo guarani (tempo novo) plantamos milho, amendoim, aipim, melancia, batata-doce, feijão, melão para alimentar nossos filhos. Devemos cuidar da terra que temos para não destruir. E para que nossos filhos tenham seus próprios alimentos. No tempo novo os animais se procriam, as árvores florescem e tudo fica bonito. Aqui na aldeia nós estamos felizes. Antigamente não faltava nada na mata. Mas agora não tem mais nada na mata. Não temos mais rio para pescar, mesmo que a terra está sendo poluída estamos tentando cuidar dela.



Oreko py ma vixo ka'aguy rojuka vy romboja'o pãvê pe. Agỹ ma mbovy'i ma ikuai vixo ka'aguy ha'evy ma orerymba uru re oru haguã hupi'a ha'egui oru haguã ho'o. Ore roipota rangatêi ka'aguy tuixave hetave haguã yva'a ha'egui vixo.

Na nossa cultura quando caçamos todos nós dividimos. Agora tem poucos animais para caçar por isso criamos galinha para comer ovo e a carne. Nós queríamos mais mata para ter mais frutas nativas e animais.





Tangara ma yma guive oiko. Rotangara vy rovy'a. Roguero jeapo riae orerekó ha'e gui rombo'e kyingue pe kyri guive ojerojy ha'e gui oporai haguã. Ha'e rami rojapo vy orema'endu'a oreypy kuery re ha'e vy roeja orerekó Mbya imbaraeete ovy haguã rami orevy. Kova'e ma nda'evei opá haguã. Ha'e vy pãvê tekoa ygua kuery oikuaa rã oporai haguã ha'e gui ojerojy haguã, ha'e vyae tuu kuery ombo'e gua'y kuery.

A Dança dos guerreiros existe desde sempre. Quando praticamos a dança nos sentimos felizes. Cultivamos nossa tradição e ensinamos as crianças desde pequenas a dançar e cantar. Fazendo isso lembramos dos nossos antepassados e deixamos a cultura guarani viva entre nós. É importante que isso não acabe e que todas as pessoas da aldeia conheçam o canto e a dança tradicional, por isso os pais ensinam seus filhos.



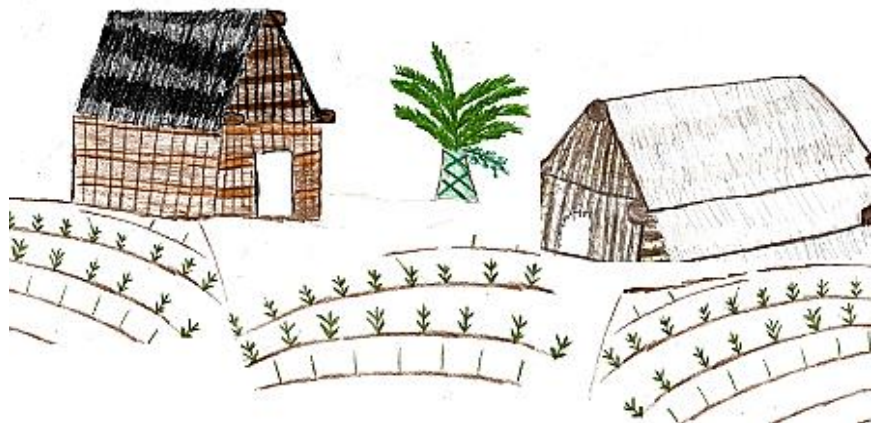


Ore tekoa py ma rogueroviá amongue kaxo omombe'u ramo. Ha'e ramingua kaxo omombe'u va'e ma ore ramõi kuery ha'e va'e ma romboaxa haxá joupe. Ha'e vy rogueroviá ha'e ramingua. Petëi kaxo ma kova'e Jaxy Jatere reguá.

Jaxy Jatere ma he'i xe Jaxy pengue oiko ka'aguy re hambeo'i revê piko oguereko ipopokaa overá porã mive va'e opaixagua rei ojapoa ha'egui petyngua'i. Ha'e gui neretu ramõ nanema'endu'vei rã mba'eve re. Jaxy Jatere ma kyri'i va'e inhakã rague ju hexa hovy porã.

Na nossa aldeia acreditamos em algumas lendas. São histórias contadas por muitos anos pelas pessoas mais velhas e nós acreditamos nisso. Uma dessas histórias é do Jaxy Jatere.

Jaxy Jatere quer dizer pedaço de lua e anda na mata de tanguinho, tem um bastão de ouro para fazer mágica e cachimbo. Depois que ele te cheira não lembrará de nada. Jaxy Jatere é bem pequeno, de cabelo bem amarelo e olho azul.



Ore roga ma rojapo takua gui ha'e gui pindo rogue gui. Roiporu yvy hũ'ũ okorá re. Ôga heteli ma Mbya kuery va'e ma guive oguereko, rojatapy ramõ nataxĩ remãĩ rojape'e ramo, hataxingue ma ðemba haguã ôga áry gui ha'e gui ôga korá rupi. Roikuaa rojapo haguã ôga ore ru kuer revê ha'e vy rombo'e ore ra'y kuery. Ôga takua gui guá ha'e gui yvy'o gui guá ma Mbya rekó pygua .

Nossas casas são feitas de taquara e palmeira. Usamos barro mexido para fazer as paredes. O uso dessas casas é comum entre os guaranis, porque ajuda a eliminar a fumaça da fogueira que fazemos para nos aquecer, porque a fumaça sai pelo teto e pelas paredes. Aprendemos a construir as casas com nossos pais e também ensinamos para os nossos filhos. As casas de taquara e de barro fazem parte da cultura guarani.





Apy tekoa py ma heta ikuai ovy'a va'e, ore kuery roporai, rojerojy, orerembia ka'aguy re ha'e gui romombaraeté orereko. Roikuaa havi agy gui nda'e vei ma orekuai haguã ymanguaré rami, ndaetavei ma vixo ha'egui yva'a, ore kuery ha'evy amongue py jurua reko roiporu havi agy. Haxy ma agyngui jaiko haguã jurua kuery rekó rupi he'y, ymave py ka'aguy re hekoa raka'e ha'egui agy ma roikoteve tetã gui rojogua, roo jurua hapy ore raxyvy. Ha'e ramia py heta teri ikuai mbya re ija'e y va'e, ore ma roipotá orembojeroviá ha'evy orekuai yvy roguerekó haguã ha'egui orekó romombaraeté haguã.

Aqui na aldeia tem muitas pessoas felizes, a gente canta, dança, caça e tenta manter nossas tradições sempre vivas. Sabemos que não tem mais como viver como antigamente, com muitos animais e árvores frutíferas, a gente tem que se adaptar a realidade. É muito difícil viver sem a interferência da cultura do homem branco, porque antigamente a gente vivia da floresta e hoje precisamos ir no mercado, no médico. Ainda tem muito preconceito com o indígena, a gente só quer respeito e lutamos pelo direito de ter nossa terra e nossa cultura preservada.

Registros fotográficos do projeto







Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-5881-009-8



9 788558 810098



**INSTITUTO
FEDERAL**
Santa Catarina

Câmpus
Araranguá



Desde
1997



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**